

HAROLDO DE CAMPOS: O ARGONAUTA DAS GALÁXIAS  
OU O GOSTO PELO INFINITO

---

GILFRANCISCO (PROFESSOR E JORNALISTA - BAHIA)

---

À Maria da Conceição Paranhos  
Profª de Lit. Brasileira do  
Curso de Mestrado em Letras da  
UFBa., em testemunho de admiração e amizade.

não, não é estrada  
é uma viagem  
tão, tão viva quanto a morte  
não tem sul nem norte  
e nem passagem

(Moraes & Galvão)

I. A investigação da obra literária deve ser fixada na própria obra, desenvolvendo-se a partir da função do **Círculo Linguístico de Moscou** (1914-15) e da **Associação para o Estudo da Linguagem Poética** (OPOIAZ-1917), um movimento de crítica literária, estreitamente ligado aos movimentos artísticos de vanguarda, que se denominou **Formalistas Russos**. É necessário acen-tuar, para evitar quaisquer mal-entendidos, que a criação literária em **Haroldo de Campos**, deve ser compreendida no sentido estético mais amplo possível. Dando-nos um desenvolvimento nada convencional, onde sua influência de operador exímio é marcante, adotando a distinção do real significado da arte de ficção (revirando & revelando). Parece-nos que caminhou em seu roteiro galático caleidoscópico, unindo o tradicional ao moderno, cuja posição é de quem avançou valorizando o texto, sentindo **O prazer do Texto**, segundo Roland Barthes (Ed. Perspectiva, São Paulo,

colecção Elos nº 2, 1976), ao miscigenar às novas aquisições.

A crítica precisa entender que, **Haroldo de Campos** escreve para pessoas dotadas de uma sensibilidade moderna. Mesmo os que estejam familiarizados com sua carreira intelectual, considerado um dos grandes ensaístas de nosso tempo, sabem como é difícil avaliá-la em conjunto e explicar-lhe todas nuanças (palavras intraduzíveis, requerendo do leitor uma transcrição idiomática e não, considerá-la um monolito indecifrável. **Galáxias** transpira oxigenação sanguínea, transmitindo um espírito desesperadamente revolucionário, abrangente gênero, um entusiasmo apaixonante por uma existência nova e exaltada, de criação e liberdade. É também um espelho da decadência do nosso mundo, o qual a realidade é dissolvida em múltiplos e multívocos reflexos da consciência. **Haroldo de Campos** anuncia nessa obra, pontos de ruptura com a tradição, questionando o passado e se lançando ao futuro, em experiências cada vez mais avançadas na arte e na literatura, abrindo caminhos para o advento das vanguardas.

Podemos encontrar nas **Galáxias** obstáculos impossíveis de transpor, são o espelho das fraquezas, das nossas insuficiências, cujo sentido e a utilização da palavra "crítica", é procurar conhecer uma obra literária, mesmo tendo ela um significado ambíguo, podendo saltar facilmente dum sentido para o outro. Por isso a crítica é um exercício com atividade dupla, que suscita uma reparação entre duas atitudes, não só inversas como efetivamente distinta. A questão é saber como a obra suporta a prova-de-fogo dessa diversidade: O desnível, que nela separa vários tipos de enunciados. Na verdade desse modo, **Galáxias** se ajusta a uma forma, a um conteúdo, ao mesmo tempo que fica assegurado em princípio o encontro entre a literatura (a prosa haroldiana) e a realidade (o homem na distinção precisa que os laços sociais instituem entre ele).

Esse livro desafio, o mais completo que já se escreveu, talvez em língua portuguesa, sobre o roteiro da criação poética e sua metamorfose segundo pontos de vista sociais, políticos, históricos, sagrados, mágicos, inovador e polêmico. De textos corajosos e criativos (a palavra ideograma), instauro no domínio da prosa brasileira, uma revolução textual, a mais radical pós-

sousandradina (acendeu um verdadeiro estopim), assim como **Finnegans Wake** (1923/39) de James Joyce (Panorama de **Finnegans Wake**, Augusto e Haroldo de Campos. São Paulo, 2.ed. ampliada, Ed. Perspectiva, coleção Signos nº 1, 1971), uma era da textualidade, a literatura do significante ou do signo. Um conjunto de imagens superposta a outra, requerendo do leitor uma leitura muito diversa da convencional. Dá-se em **Galáxias** a retomada da relação entre a narração e a narrativa, para estabelecer a leitura da escritura, uma reflexão sobre a prática da linguagem, a busca do poético na linguagem, surpreendido pelas imagens, fonte geradora à margem da margem, pela mira exata do visor, pela lente da visão. Ou seja um descortinar de significantes.

Daí dizer Vladimir Maiakóvski, em seu ensaio teórico mais longo **Como Fazer Versos**, publicado em 1926 (A Poética de Maiakóvski, Boris Schnneiderman. São Paulo, Ed. Perspectiva, coleção Debates nº 39, 1971). "É preciso conduzir o verso até o limite extremo da expressividade. Um dos grandes meios de expressão é a imagem. Não a imagem-aparição de fundo, que nasce do início do trabalho como uma primeira, ainda vaga, resposta ao mandato social. Não, falo das imagens que sustentam, que dão realce à imagem principal. A imagem é um dos meios poéticos habituais para certos movimentos, como, por exemplo, o imaginismo. Aqueles que faziam dela um fim, de fato condenavam-se a trabalhar apenas com um dos aspectos técnicos da poesia". Há algo ainda nessa obra, que dificilmente poderia ser mostrado nesse ensaio, como o longo caminho a ser percorrido para se chegar a uma vida comum do homem sobre o universo. A imagética de **Haroldo de Campos**, conseguiu brilhar com gênio próprio, numa grande aventura intelectual da paixão pela realização de um texto que fosse além dos limites individuais - uma lógica ou um sistema lógico. Na verdade a malha expressiva das **Galáxias**, composta de uma plasticidade apocalíptica, de quem forceja ofegantemente por plasmar equações sintáticas e vocábulos de elevado teor semântico e rítmico, todas as comoções tentaculares do cósmo. Tais características formais, por certo que se desenvolvem e se apuram à proporção que o poeta progride em sua viagem estrelar, com seu equipamento metafórico.

II. **Haroldo de Campos** é a própria linguagem em curto-circuito. Lalíngua, tomando chuva ácida sem sombrinha antitérmica. Este poeta kamiquase, fatigado das velhas fórmulas, buscou algo mais visceralmente moderno, com sua antena parabólica captando imagens e mensagens dos Quatro Cantos do Planeta. Sua obra é um vôo de reconhecimento nesses redemoinhos barrocurbanos, é o que tem de ácido e mel. O poeta é dissidente do mundo. Poesia & Crítica. Política & Poesia - alheio a qualquer doutrina estética ou ideológica. **Haroldo** acaba de lançar seu último livro **O Seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos** (Fundação Casa de Jorge Amado), 2.ed., 1990, coleção Casa de Palavras. Nascido em São Paulo em 19 de agosto de 1929, advogado e doutor em Letras, foi professor Titular de Semiótica da Literatura da PUC/SP, até março do ano passado e dedica-se exclusivamente a suas atividades de escritor. Com **Augusto de Campos** (1931) e **Décio Pignatari** (1927), lançou na década de 50 o movimento de poesia concreta (Grupo Noigandres), que coincide com o movimento **Beat** surgido no cenário norte-americano, caracterizando-se por contestar a ordem estabelecida em favor de uma maior plasticidade na conduta, nas emoções e no intelecto.

**Haroldo de Campos** se apresenta triplicamente (crítico, poeta & tradutor), cuja leitura interessa tanto ao leigo quanto ao especialista, para seus herdeiros não há lugar entre analogias e assimetrias, descontinuidade e ruptura, deixando de ter por base os laços de família e a hereditariedade. Sua riquíssima e longa experiência sempre preocupado a retomada de trabalhos anteriores, permite vê-los sobre outra luz, uma linguaviagem, envolvente do verdadeiro testemunho intelectual. Autor de dezenas de livros e mais de uma centena de artigos publicados em jornais e revistas especializadas (brasileiras e estrangeiras). **Haroldo de Campos** pulsa tendo a palavra como a libertação do homem e do cósmo, através de sua obra, que se impõe a quantos queiram atualizar-se em tais estudos. Vejamos algumas dessas publicações: **A Arte no Horizonte do Provável** (1969), **Morfologia do Macunaíma** (1973), **A Operação do Texto** (1976), **Xadrez de Estrelas** (1976), **Metalinguagem** (1976), **Ruptura dos Gêneros da Literatura Latino-Americana** (1977), **Signantia Quasi Celum** (1979), **Deus e o diabo no Fausto de Goethe** (1981), **Galáxias** (1984), **Ideograma** (1986), **A**

## **Educação dos Cinco Sentidos (198 ).**

Através da invenção sintática, esotérica & mística para demolir a (imprecisa e insatisfatória crítica), inaugurando um novo campo experimental, registrando o contraste existente entre a palavra escrita, falada & visual, forçando uma abertura de muitas conseqüências: o desbordamento, deslocamento lingüístico de **Pound**, **Eliot**, **Maiakóvski** e **Jakobson** (quando os métodos de análise literária fizeram progressos consideráveis), mostrando suas propriedades, seus limites e suas características. **Haroldo de Campos** incorpora sua escritura, fórmulas poeticamente eficaz que reflete o Brasil da contra-cultura, uma abertura constante do crítico ao signo novo, para renovar suas opções. Como crítico, ele desenvolve suas principais teses sobre a metalinguagem humana e seus produtos, analisando criticamente várias opiniões alternativas, expondo de maneira incisiva sua visão das perspectivas de novas investigações, sempre acreditando que a capacidade humana da linguagem posso ser melhor compreendida.

Sua crítica é de um espírito profundamente humanista, cujo interesse se volta para múltiplas facetas da cultura do homem estendendo-se essa expressão no seu sentido mais amplo, que compreende não só as atividades intelectuais e artísticas, mas também as questões sociais e políticas relacionadas com os problemas contemporâneo. Na certeza em questionar monstros sagrados da literatura, **Haroldo de Campos** não poupa figuras literárias consagradas. Sua expressão é marcada por grande espírito e fineza, originalidade dentro de uma ótica inovadora e quase sempre inesperada, portanto uma linguagem que incorpora as oscilações verbais, sem nunca perder a elegância estrutural e sonora da narrativa. O ensaísta enxadrezista é puro prazer do texto, espantoso/fervoroso, um dos encantadores que reagiram e optaram pela transgressão racional do ordenado, através de suas meditações imersas na própria história da linguagem, que respira uma atmosfera de signos. Essa experiência com a metalingüística vai articulando internamente e se projeta sincronicamente num ambiente cósmico, telúrico.

III. **Haroldo de Campos**, faz ver como o texto organiza uma visão nova e fantasmática do universo, enfocando sempre os temas atuais não usuais, cuja importância avulta cada vez mais no pensamento contemporâneo, um deslocamento, uma mutação histórica. Portanto a arte de escrever e bem compor, está fundada sobre uma matriz simples que engendra sua obra, colocando em pauta problemas bastante diferente e suscita considerações de outra ordem, constituindo-se numa realização possível de reversibilidade. Mas a crítica continua incompatível com o gênio criador do poeta, conservadora, teleológica ou marxista, apontadas para um futuro revolucionário, empregnadas de detalhismo nas descrições de sintomas, ataques histéricos e doenças de todos os tipos. Quer sim, quer não, **Haroldo de Campos** continua sendo um dos mais influentes intelectuais brasileiros da atualidade, e sua trajetória crítica/poética, estimulante e polêmica, fornecendo uma racionalidade a um conjunto de eventos particulares (meditação entre logos & cosmos).

Portador de ensaios instigantes, eruditos e sagazes escritos através de suas investigações de amplo espectro, como parte básica de seu próprio método de abordagem das questões discutidas, mas sempre fiel aos princípios orientadores de **Ezra Pound**, para chegar a uma compreensão mais cabal da obra literária. Este sistema de signos, código, epistemológico fundamental que se coloca onde a semiótica se articula com a análise dos ideogramas (como e quem cria), não tratando de reatar certa tradição retórica pela imposição rígida de análise textual. Mas a palavra ideológica singularmente plena e harmoniosa, como utopia do discurso que habita ainda quando introduz elementos de ruptura e deslocamento, à temporalidade da própria ideologia. Limitamos a analisar na obra haroldiana, um perfeito equilíbrio entre o significante e o significado, entre o conteúdo e o estilo revolucionário que lhe dá forma, revelando em imagens e quadros sórdidos, características essenciais de seres e objetos cósmico que sobrevoam o Continente americano (argonautas). E tal complexidade merece uma análise detalhada que intente projetar claramente o profundo herdeiro cosmopolita, e a beleza radiante da prosa narrativa ou da leitura linear/tabular de seus textos,

que ainda provocam polêmicas, dúvidas, inspiração e instiga intelectuais: Navegar é preciso, Haroldo de los Campos mais que preciso.

Através dos signos em rotação, sua obra tem sido alvo de vários estudos, alguns como o de João Alexandre Barbosa quando afirma: "Quem tenha lido **Xadrez de Estrela** Percurso Textual, 1949-1974, há de ter apreendido uma relação básica, muitas vezes deixada à margem pelos críticos de Haroldo de Campos: a relação entre a linguagem da poesia (frequentemente transformada em linguagem do poema por força da reflexão metalingüística) e a leitura pelo poeta da tradição. Não a leitura do ensaísta que se encontra em vários livros, mas aquela que vai fazendo na própria composição, resultado da consciência poética (Um cosmonauta do signifiante: navegar é preciso - 1979). Sobre sua obra escreve em 1978 o consagrado escritor cubano Svero Sarduy: "A obra de Haroldo de Campos seria como a exaltação e o desdobramento de uma região de dicção, de um espaço da fala vasto e barroco como o mapa de seu país: sopro e articulação, alento e pronúnciação: nascimento do discurso" (Rumo à Concretude). Já o espanhol Andrés Sánchez Robayna escreve um ano depois **A Micrologia da Elusão**, onde dedica grande parte do estudo aos primeiros fragmentos de **Galáxias** ao afirmar que: "Nas Galáxias tem lugar o arquetipo do poema em prosa, o paradigma de uma das formas poéticas para Mallarme mais (peculiares e caras), a nossa época, segundo afirma no mesmo Prefácio ao Lance de Dados. Galáxias: não poesia na prosa, porém prosa minada. Disrupção da prosa e, finalmente, abolição, de fronteiras; mobilidade da escritura: cefalização e representação textual". E falando sobre as fases de **Xadrez de Estrelas**, o paraense Benedito Nunes diz o seguinte: "Em seus três momentos, o percurso textual de Haroldo de Campos reabre criadoramente o processo das transformações críticas da poesia moderna, que vai da lírica estruturada pela magia verbal à proliferação labiríntica da escritura. A experiência que culminou, inicialmente na linguagem do mar ("Thálassa thálassa"), converte-se agora, no mar da linguagem (Galáxias), já como aventura e caminho ("o ser do livro é a viagem"): o agon do ser e do dizer, na intérmina polêmica da identidade com a di-

ferença, gerando, deste último livro, a matéria e a forma dum sempre novo livre à venir" (Xadrez de Estrelas, Percorso Textual, 1949-74). Todos esses ensaios foram reunidos no livro **Signantia Quase Coelum/Signância Quase Céu**. Ed. Perspectiva, coleção Signos nº 7, 1979.

Finalmente, um dos críticos mais respeitáveis do país, que vem desenvolvendo um trabalho sério no campo da Teoria da Literatura (para novos e antigos navegantes da escritura) Luiz Costa Lima, atualmente lecionando em universidades norte-americanas, acaba de publicar um longo ensaio sobre **Galáxias**, considerado o livro chave, o mais importante do poeta concrecente. **A Aguarrás do Tempo-Estudos sobre a Narrativa** (Ed. Rocco, 1989, Capítulo VI - Arabescos de um Arabista: Galáxias de Haroldo de Campos), é na realidade o estudo mais profundo já escrito sobre este livro, que é na realidade o retorno da viagem (começo do reencontro com a imagem poética do universo), escrito numa transparência (postulada como ideal), onde o ensaísta maranhense mostra-nos propriedades, limites, amarrás, buscas e características da prosaminadaharoldiana: "Dizer que **Galáxias** ocupa o leito comum que atravessa as margens opostas do epos homérico e da paródia joyciana é dele dar ainda uma imagem parcial. Para vencê-la, precisamos introduzir outro elemento: a presença do barroco.

Para os que se habituaram a identificar o projeto da poesia concreta com o de despojamento espacializado, com as palavras ou desligadas de suas conexões sintáticas ou tendo-as reduzido ao mínimo indispensável a dicção amazônica de Galáxias é um espanto. Daí ora ser saudado como libertação de uma camisa-de-força, ora ironizado como retorno a uma rabelaisiana cornucópia do barroco".

Esses estudos de citação para assim dizer obrigatória e valiosa, buscam oferecer uma visão teórica dos símbolos, emaranhado de alegorias, para a análise da escritura e discernir a crítica fantochada que até hoje ainda restringe ao novo (precisamos rejuvenecer). É um conjunto de caracteres inteiramente diferentes, onde a língua é seduzida pelos argumentos e o grau de semelhança envolvido por cada argonauta, para limpar a atmos-

fera cósmica da consolidação de um corpo de idéias - ética determinista, capaz de afetar o destinatário, cognitivamente ao oferecer-lhe uma ReVisãoRevista, mais completa e agussiva do real. Através dos Escritos nas Estrelas, fantasmagórico (operação do texto) desvendar o poço do prazer textual, mostrando que o discurso é o palco onde a significação representa um viajante: Espaço e tempo da linguagem poética.

IV. **Galáxias** - intercódigos catalisador - é uma multiplicidade de cenas e enunciados, o grau zero da escritura barthesiana, toda uma transmutação, situação revolucionariamente germinativa da opacidade lingüística. Onde a língua é limite inicial do possível, recompondo acima da simultaneidade dos acontecimentos, uma dupla postulação. **Galáxias**, a primeira leitura deslumbra pela profundidade e lucidez da erudição quase que planetária do poeta e magnífico ensaísta **Haroldo de Campos**. Composto por fragmentos independentes, um texto montável a guisa mallarmeana (Um Lance de Dados) e/ou joyciana (Ulysses + Finnegans Wake), pórtico das matrizes de toda produção de vanguarda, cuja publicação definitiva do livro contém 50 fragmentos compostos entre 1963 e 1976, com as páginas não numeradas. Sua primeira publicação foi feita no nº 4 da revista **Invenção** (São Paulo, dezembro, 1964), que continha 13 fragmentos da página 115 e 127. A segunda, no número seguinte da mesma revista (São Paulo, dezembro, 1966.- janeiro, 1967), acrescentava o autor 12 fragmentos, páginas 20 a 31. A terceira reunião aparece em 1976 em **Xadrez de Estrelas percurso textual 1949-1974**, páginas 200 a 242 (Ed. Perspectiva, São Paulo, coleção Signos nº 4, 1976), quando o conjunto já está quase completo, e são mostrados 43 fragmentos. Vários fragmentos avulsos foram publicados em suplementos literários e em publicações como: Flor do Mal, Navilouca, Polem, Código e Corpo Estranho. Em Portugal, amostras foram publicadas no caderno **O Tempo e o Modo do Brasil** (Lisboa, Livraria Moraes, 1967) e na revista **Nova** nº 1 (Lisboa, 1975/76). Outros fragmentos das **Galáxias** foram traduzidos ou transcritos em alemão, francês, espanhol e inglês, quase sempre com a revisão ou a assistência do autor. Os sete fragmentos restantes serão incorporados à edição definitiva, **Galáxias, prova "epifânica"** (Ed. Ex Libris, São Paulo, 1984). Vejamos dois desses fragmentos: o primeiro (e começo aqui...) e (... fecho encerro).

e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e remeço e arremesso  
 e aqui me meço quando se vive sob a espécie da viagem o que importa  
 não é a viagem mas o começo da por isso meço por isso começo escrever  
 mil páginas escrever milmapáginas para acabar com a escritura para  
 começar com a escritura para acabarcomeçar com a escritura por isso  
 recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre escrever é  
 o futuro do escrever sobrescrevo sobrescrevo em milumanoites miluma-  
 páginas ou uma página em uma noite que é o mesmo noites e páginas  
 mesmaman ensimesmam onde o fim é o começo onde escrever sobre o escrever  
 é não escrever sobre não escrever e por isso começo descomeço pelo  
 descomeço desconheço e me teço um livro onde tudo seja fortuito e  
 forçoso um livro onde tudo seja não esteja seja um umbígodomundolivro  
 um umbígodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro  
 o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo  
 e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço meço um livro  
 é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo de livro  
 e cada linha de uma página e cada palavra de uma linha é o conteúdo  
 da palavra da linha da página do livro um livro ensaia o livro  
 todo livro é um livro de ensaio de ensaios do livro por isso o fim  
 começo começa e fina recomeça e refina se afina a fina no funil do  
 começo afinila o começo no fuzil do fim no fim do fim recomeça o  
 começo refina o refino do fim e onde fina começa e se apressa e  
 regressa e retece há milumaestórias na mínima unha de estória por  
 isso não conto por isso não canto por isso a nãoestória me desconta  
 ou me descanta o avesso da estória que pode ser escória que pode  
 ser cárie que pode ser estória tudo depende da hora tudo depende  
 da glória tudo depende de embora e nada e néris e reles e nemnada  
 de nada e nures de néris de reles de raro de raro e nacos de necas  
 e nanjas de nullus e nures de nenlhures e negas de nulla res e  
 nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total  
 tudossomado todo somassuma de tudo suma somatória do assomo do assombro  
 e aqui me meço e começo e me projeto eco do começo eco do eco de um  
 começo em eco no soco de um começo em eco no oco eco de um soco  
 no osso e aqui ou além ou aquém ou láacolá ou em toda parte ou em  
 nenhuma parte ou mais além ou menos aquém ou mais adiante ou menos atrás  
 ou avante ou paravante ou à ré ou a raso ou a rés começo re começo  
 rés começo raso começo que a unha-de-fome da estória não me come  
 não me consome não me doma não me redorna pois no osso do começo só  
 conheço o osso o osso buco do começo a bossa do começo onde é viagem  
 onde a viagem é maravilha de tornaviagem é tornassol viagem de maravilha  
 onde a migalha a maravilha a apara é maravilha é vanilla é vigília  
 é cimitila de centelha é favila de fábula é lumínula de nada e desconto  
 a fábula e desconto as fadas e conto as favas pois começo a fala

*fecho encerro reverbero aqui me fino aqui me zero não. canto não conto  
 não quero anoiteço desprimavero me libro enfim neste livro neste vôo  
 me revôo mosca e aranha mina e minério corda acorde psaltério musa  
 não mais não mais que destempero joguei limpo joguei a sério nesta sêde  
 me desaltero me descomeço me encerro no fim do mundo o livro fina o  
 fundo o fim o livro a sina não fica traço nem seqüela jogo de dama ou  
 de amarela cabracega jogo da velha o livro acaba o mundo fina o amor  
 despluma e tremulina a mão se move a mesa vira verdade é o mesmo que  
 mentira ficção fiação tesoura e lira que a mente toda se ensafira e  
 madriperla e desalina cantando o pássaro por dentro por onde o canto  
 dele afina a sua lâmina mais língua enquanto a língua mais lamina  
 aqui me largo foz é voz ponto sem nó contrapelo onde cantei já não  
 canto onde é verão faço inverno viagem tornaviagem passand'além  
 reverbero não conto não canto não quero descadernei meu caderno  
 livro meu meu livrespelho dissei do livro que escrevo no fim do  
 livro primeiro e se no fim deste um um outro é já mensageiro do  
 novo no derradeiro que já no primo se última escrevem escrivão tinteiros  
 monstro gaio velho contador de lérias lendas aqui acabas aqui  
 desabas aqui abraçadabraçabas ou abres sêsamoteabres e setestrelas  
 cada uma das setechaves sigilando à tua beira à beira-ti beira-  
 nada você voz tutresvariantes tua gaia sabença velhorrevelho contador  
 de palavras de patranbas parêmias parlendas relarbas falsário de  
 rebates finório de remates usciro de vezos e vezeiro de usos  
 tuteticomigo conosconvosco contingens est quod potest esse et  
 non esse tudo vai nessa foz do livro nessa voz e nesse vôo do livro  
 que saltimboca e desemboca e pororoca nesse fim de rota de onde não  
 se volta porque no ir é volta porque no ir revolta a reviação que  
 se faz de maragem de aragem de paragem de miragem de pluma de  
 anagem de tésnil tecelegem monstro gaio boquirroto emborcando o  
 teu solo mais gárrulo colapsas aqui neste fim-de-livro onde a fala  
 coalha a mão treme a nave encalha mestre garço velhorrevelho  
 mastigador de palavras malgastas malagaxas laxas acabas aqui acabas  
 tresabas sabiscôndito sabedor de nérias com tua gaia sabença teus  
 rébus e rebojos tuas charadas de sonescas sonegador de fábulas  
 contraversor de fadas loquílouco snobishomem arrotador de vantagem  
 infusor de ciência abstractor de demência mas tua alma está salva  
 tua alma se lava nesse livro que se se alva como a estrela mais d'alva  
 e enquanto somes ele te consome enquanto o fechas a chave ele se  
 multiabre enquanto o finas ele translumina essa linguamorta essa  
 moura torta esse umbilifio que te prega à porta pois o livro é teu  
 porto velho faustinfausto mabuse da linguagem perseguido por teus  
 credores mefistofamêlicos e assim<sup>o</sup> fizeste assim o teceste assim  
 o deste e avrá quasi l'ombra della vera costellazione enquanto a  
 mente quase-iris se emparadisa neste multilivro e della doppia danza*